

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

TRATAMENTO E PROCESSO DE RECUPERAÇÃO DE
DROGADEPENDENTES NA FAZENDA NOVA JERUSALÉM DE
UBERLÂNDIA – 2000/2003

PEDRO OMAR PERES

PEDRO OMAR PERES

**TRATAMENTO E PROCESSO DE RECUPERAÇÃO DE
DROGADEPENDENTES NA FAZENDA NOVA JERUSALÉM DE
UBERLÂNDIA – 2000/2003**

**Monografia apresentada
sob orientação do Prof. Sérgio
Paulo Moraes ao ser apresentada
ao curso de História da
Universidade Federal de
Uberlândia, respondendo ao
requisito parcial para o título de
Bacharel em História.**

Uberlândia, fevereiro/2004.

PEDRO OMAR PERES

**TRATAMENTO E PROCESSO DE RECUPERAÇÃO DE
DROGADEPENDENTES NA FAZENDA NOVA JERUSALÉM DE
UBERLÂNDIA – 2000/2003**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Sérgio Paulo Moraes - Orientador

Ficha Cartográfica

Peres, Pedro Omar. (30/12/1971)

Tratamento de processo de recuperação de Droga Dependentes da Fazenda Nova
Jerusalém de Uberlândia/MG. (2000-2003)

Pedro Omar Peres- Uberlândia, 2003

27 fl

Orientador(a): Sérgio Paulo Moraes

Monografia (Bacharelado) - Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação
em História.

Inclui Bibliografia

3 palavras chaves do Trabalho. (Dependência Química, Recuperação e Sociedade)

Dedico esse trabalho aos meus pais, Alzira Maria Peres e Aristomim Peres, que sempre me incentivaram e me apoiaram em todos os momentos, e souberam me mostrar que não há vitória sem lutas. E que é preciso lutar sempre e superar as adversidades do dia-a-dia.

E ainda à minha noiva, Viviane Ribeiro, que durante todo o período acadêmico teve paciência e ficou ao meu lado, durante os estudos e trabalhos que precisavam ser realizados.

Agradecimentos

Primeiro a Deus que me propiciou mais essa conquista que certamente é a realização de um grande sonho, que agora vai se tornando realidade.

Aos meus pais, irmãos, minha noiva e minha filha, que souberam entender minha ausência para que pudesse estudar e cumprir as atividades acadêmicas.

E também aos professores e colegas que não mediram esforços para aprendermos e crescermos juntos adquirindo novos conhecimentos.

Ao secretário da coordenação do curso, João Batista, que em todos os momentos sempre atendeu às expectativas e solicitações que lhe fiz, e me ajudou muito durante todo o decorrer do curso.

E ao professor Sérgio Paulo Morais, meu orientador, que é um exemplo de mestre, pois é um grande conhecedor intelectual, pessoa educada e prestativa, que realmente concilia o conhecimento e ensinamento.

Aos professores da Banca Examinadora que se dispuseram a participar da Banca e souberam fazer com que eu clareasse os pensamentos e assimilasse os conhecimentos por eles ministrados.

***“Sua presença muito nos alegra, seja bem-vindo à habitação da Paz”.
Inscrição da placa de entrada da Fazenda Nova Jerusalém.***

SUMÁRIO

Apresentação.....	1
Capítulo I - Desafio Jovem Peniel – Internos e Instrutores: Trajetórias de Vida.....	7
Capítulo II - Aspectos Sociais do Consumo e dos Modos de Tratamentos....	16
Considerações finais.....	22
Referências bibliográficas.....	24
Fontes.....	26
Entrevistas.....	27

TRATAMENTO E PROCESSO DE RECUPERAÇÃO DE DROGADEPENDENTES NA FAZENDA NOVA JERUSALÉM DE UBERLÂNDIA – 2000/2003

APRESENTAÇÃO

O termo "droga" teve origem na palavra "droog" (holandês antigo) que significa "folha seca"; isto porque antigamente quase todos os medicamentos eram feitos à base de vegetais. Atualmente, a medicina define "droga" como sendo qualquer substância que é capaz de modificar a função dos organismos vivos, resultando em mudanças fisiológicas ou de comportamento. Por exemplo, uma substância ingerida contrai os vasos sangüíneos (modifica a função) e a pessoa passa a ter um aumento de pressão arterial (mudança na fisiologia). A toxicologia é ciência dos efeitos adversos de substâncias químicas sobre os organismos vivos.

Esta disciplina é freqüentemente dividida em várias grandes áreas. O toxicologista descritivo realiza testes (descritos adiante) para obter informações que possam ser utilizadas para se avaliar o risco que a exposição a determinada substância química oferece para o homem e o meio ambiente.

Embora a sociedade quera que o toxicologista classifique todas as substâncias químicas como sendo tóxicas ou seguras, isto não é possível. A preocupação real é o risco ou o perigo associado ao uso da substância, e não se ela é tóxica ou segura. Ao proceder-se à avaliação do risco é preciso também considerar os efeitos danosos das substâncias químicas advindos direta ou indiretamente através dos efeitos adversos sobre o meio ambiente quando utilizada na quantidade e maneira propostas. Dependendo do uso e da cinética de uma substância química, um composto muito tóxico pode ser menos nocivo do que um outro relativamente atóxico.¹

¹ KLASSEN, Curtis D. *Princípios de Toxicologia*. In: Academia de Polícia Civil. Centro de Recursos Humanos. Toxicologia. Belo Horizonte, 1998, p. 6.

A dependência química é a dependência de qualquer substância psicoativa, ou seja, qualquer droga que altere o comportamento e que possa causar dependência (álcool, maconha, cocaína, crack, medicamentos para emagrecer à base de anfetaminas, calmantes indutores de dependência ou "faixa preta" etc.). A dependência se caracteriza pelo indivíduo sentir que a droga é tão necessária em sua vida quanto alimento, água, repouso, segurança.

Com relação à palavra "química", esta se refere ao fato de que o que provoca a dependência é uma substância química. O álcool, embora a maioria das pessoas o separe das drogas ilegais, é uma droga tão ou mais poderosa em causar dependência em pessoas predispostas quanto qualquer outra droga, ilegal ou não.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) reconhece as dependências químicas como doenças. Uma doença é uma alteração da estrutura e funcionamento normal da pessoa, que lhe seja prejudicial. Por definição, como o diabetes ou a pressão alta, a doença da dependência não é culpa do dependente; o paciente somente pode ser responsabilizado por não querer o tratamento, se for o caso.

As dependências químicas não têm uma causa única, mas sim, são o produto de vários fatores que atuam ao mesmo tempo, sendo que, às vezes, uns são mais predominantes naquele paciente específico que outras. No entanto, sempre há mais de uma causa. Por exemplo, existe uma predisposição física e emocional para a dependência, própria do indivíduo. Vivendo como um dependente, o paciente acaba tendo uma série de problemas sociais, familiares, sexuais, profissionais, emocionais, religiosos etc., que são consequência e não causa de seu problema. Portanto, as causas são internas, não externas.

Tentamos nessa pesquisa perceber modos como o tratamento de drogadependentes é realizado na Fazenda Nova Jerusalém (município de Uberlândia) e quais concepções e valores sociais sustentam as maneiras de compreender e relacionar com dependentes químicos.

A simpatia pelo tema advém do interesse pelo trabalho e as maneiras desenvolvidas na recuperação das pessoas, como também o analisar as motivações sociais que nutriam (e nutrem) pessoas que mantêm centro de recuperação.

Esse trabalho possui como fonte principal entrevistas com pessoas que estão envolvidas diretamente com o tratamento, e com internos daquela unidade. Compreendemos que tais narrativas “por serem frutos de composições provocadas por relações dialógicas, constituídas em função das ambiências culturais vividas, possuem seus momentos, suas lógicas e inteligibilidades. Alessandro Portelli traduz essa dinâmica dizendo que a constituição das fontes orais “sempre é um trabalho em evolução, onde narradores examinam a imagem do seu próprio passado enquanto caminham. A dificuldade que entrevistadores (e narradores) muitas vezes encontram em finalizar uma entrevista mostra sua compreensão de que a *estória* que estão contando é aberta, provisória e parcial”².

Pretendia ainda discutir com meus próprios conhecimentos e concepções, considerando minha experiência de dois anos como instrutor do PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas e Violência), que embora seja um trabalho voluntário, ele visa anteceder aos acontecimentos e prevenir as crianças de 9 a 12 anos quanto aos perigos de se envolverem com drogas.

Em síntese, esta pesquisa trata do Centro de Recuperação “Desafio Jovem Peniel” e a história de vida de seus internos e ex-internos, foi criado e idealizado pelo pastor Zezé em 1989, por isso era um grande produtor de leite da região de Uberlândia (MG) com animais de alta linhagem em sua fazenda e segundo consta relatos do entrevistado César, que hoje é ex-interno do centro. Porém, agora presta serviços à instituição.

Consta nas entrevistas que a esposa do pastor Zezé teve uma “revelação divina” onde uma voz lhe dizia para que eles cuidassem de seres humanos

² MORAIS. S. P. *Tempo, Trajetórias de vida e Trabalho de carroceiros na Cidade (Uberlândia 1970/1998)*. Mimeo. Texto Procad. Uberlândia/MG, 2003. Ver importante discussão sobre o momento da narrativa em: PORTELLI, Alessandro. “ ‘The Time of my Life’: Functions of Time in Oral History”, em IDEM. *The Death Of Luigi Trastulli And Other Stories. Form And Meaning In Oral History*, New York: State University of New York, 1991, pp. 59-76.

onde eles cuidavam de animais, pois um de seus filhos era drogadependente e homossexual, seria recuperado neste mesmo local e hoje, essa pessoa está recuperada e vive normalmente feliz, sendo um dos pastores e orientadores do centro de recuperação.

A fazenda, chamada Lar Jerusalém, já recebeu milhares de pessoas, dos quais em média 60%, segundo estatística informada pelos instrutores, foram recuperados e outros retornaram a se envolver com as drogas.

Atualmente (novembro de 1997) o centro de recuperação Desafio Jovem Peniel possui cerca de cinquenta internos, do sexo masculino, que são ou foram usuário de todos os tipos de drogas.

Os internados ficam na fazenda por sete meses em tratamento, sendo que nos dois primeiros meses básicos, ficam isolados da família dos amigos e da sociedade, havendo contatos externos apenas por cartas. Ao entrar na recuperação levam uma quantidade de produtos de limpeza e higiene pessoal, pagam dois salários para serem tratados, sem os quais não podem se internar.

O motivo do local ser uma fazenda de recuperação é, de acordo com os instrutores, um lugar onde a pessoa pode estar em contato com a natureza, isolar-se do mundo em que vivia, e se redescobrir como ser humano “criado à imagem e semelhança do seu criador” de forma a propiciar, inclusive, a realização das terapias ocupacionais (trabalho braçal). Extensão da Igreja Desafio Jovem Peniel, a fazenda participa dos costumeiros rituais realizados pela religião protestante com o objetivo de fazer com que o residente “conheça Deus”.

A instituição sobrevive com um pouco do que produz, de doações da comunidade, contribuições dos internos no ato de sua internação e um terço de seus gastos recebem da Prefeitura Municipal de Uberlândia em forma de subvenções sociais, possui alvará de funcionamento sob o número C.M.C. 060.493.00, registrado como entidade sem fins lucrativos sob o nome Desafio Jovem Peniel de Uberlândia (MG), e foi reconhecida pelo Ministério da Ação Social em 1999, como entidade pública federal de assistência social. O Centro de Recuperação possui nos seus quadros de funcionários, orientadores,

psicólogos, médicos, que estão em contato constante com os internos ajudando-os na sua efetiva recuperação de desintoxicação.

Existe no centro de recuperação um grupo de pessoas que já estão em tratamento por um tempo maior superior a dois meses e eles são considerados o pessoal da segunda fase. Suas atividades durante todo o dia segue rigorosamente o cumprimento dos horários citados anteriormente para as ações diárias, só que estes têm precedência em relação ao pessoal da primeira fase e podem (e devem) realizar as atividades primeiro que os outros.

Nesse trabalho dialogamos com uma historiografia que refere-se à modos de tratamento de sujeitos sociais que são tidos como infratores, entre algumas, destacamos a monografia sobre o CISAU de Inamar Aparecida Militino (1999:44).

Podemos observar que para autora da monografia sobre o Centro de Integração Social e Assistencial de Uberlândia (CISAU), Inamar Aparecida Militino (1999:44), considera a instituição como sendo uma necessidade social, indispensável para a realidade da cidade de Uberlândia, quando coloca no capítulo II, a proposta dos centros de Integração Social.

Conforme percebemos nas matérias veiculadas por jornais locais, os debates em relação à “uma questão social”, se transforma, de acordo com a gravidade do delito, em “caso de polícia”, cabendo a esta “podar”, na sua superfície, as ervas daninhas que prejudicam a imagem desenvolvimentista de Uberlândia.

Além dessas questões, várias outras, sugeridas por outros autores, vem mostrar os limites das instituições destinadas a retirar a reintegração do menor e do viciado à sociedade, bem como os objetivos implícitos atrás de cada projeto de recuperação social das pessoas que fogem aos padrões sociais ditos como aceitáveis.

O caráter das instituições as quais se propõem a reintegrar o menor ou drogadependente à família deveria ser objeto de estudos mais profundo. Militino considera que reintegrar o menor à família, quando esta continua

inserida nos problemas socioeconômicos, é assegurar a continuidade de sua marginalização.

Em consonância com essa pesquisa, uma das entrevistas coletadas no centro de recuperação, um dos internos também discute a questão da “doença familiar”, a qual para ele é difícil tentar se reintegrar à sociedade se a família continua tendo os vícios que o incentivaram a ter.

Percebemos através dos estudos realizados, até então que a classe dominante controla e administra, através do discurso e práticas filantrópicas, os marginalizados que compõem a sociedade. Isso nos fornece subsídios para discussões de disciplinarização na sociedade capitalista e nos dá a dimensão de como, através do discurso, as classes dirigentes, conseguem, com o aval dos excluídos, legitimar suas ações. Juntamente a isso, o discurso da necessidade do progresso justificando, de certa forma, os métodos utilizados para minimizar ou “ocultar” e ordenar as mazelas dessa sociedade capitalista.

Foram feitas quatro entrevistas com um instrutor, dois residentes e um ex-interno. As entrevistas foram realizadas na casa onde fica a sede da fazenda.

O que observei foi que Michele, a instrutora, tem muita ligação aos fundamentos da religião protestante, disse que teve “visões” sobre o trabalho da fazenda, que na Igreja Jovem Peniel diz que é muito comum às pessoas que já estão na sintonia com Cristo; os dois internos estão com muita expectativa a respeito da cura, mas sentem medo do “mundo lá fora”; e o ex-interno que ouvi participa da igreja e fala de como a sociedade trata um ex-viciado.

No primeiro capítulo trabalho com as entrevistas realizadas na fazenda e trato dos significados do que ou quais motivos podem ter gerado a dependência química e como se dá o processo de tratamento.

No segundo capítulo falo das questões abordadas por pesquisadores sobre o consumo de drogas e no terceiro capítulo falo das definições de dependência química, com anexos.

CAPÍTULO I

DESAFIO JOVEM PENIEL – INTERNOS E INSTRUTORES: TRAJETÓRIAS DE VIDA

“Aqui toda a hora a gente procura a palavra de Deus, a gente nunca fica sem fazer algo, sempre está fazendo alguma coisa.”

Na década de 90, as infrações cometidas por menores se agravam, segundo dados da Polícia Militar. A partir do sentimento de insegurança os pedidos para que sejam tomadas providências para minimização da violência se multiplicam. Como respostas a pedidos de locais de abrigo para “delinqüentes”, em 23 de março de 1994, o secretário de Estado da Justiça de Minas Gerais, deputado federal Mário Assad, chega a Uberlândia para a assinatura do convênio de criação, manutenção do Centro de Integração Social do Adolescente de Uberlândia (CISAU).

A necessidade que as autoridades e pessoas da comunidade vêem em criar instituições como o Centro de Integração Social de Uberlândia (CISAU) e o centro de recuperação de drogadependentes Desafio Jovem Peniel, surge no momento em que aparentemente aumentam-se as ocorrências de violência, roubo, assassinato e tráfico de drogas em Uberlândia quando os jovens aparecem como uma ameaça à imagem de cidade próspera, ordeira e segura, apta a receber investimentos de todas as partes do país e do mundo.

Outrossim, aqueles jovens viciados em drogas praticam ou praticaram crimes contra a sociedade são ocultados no CISAU e aqueles que também viciados em drogas, ou não foram pegos quando o praticaram são, convidados

ou obrigados por seus familiares ou responsáveis a internarem-se no centro de recuperação Desafio Jovem Peniel, e outros semelhantes.

O Desafio Jovem Peniel é uma instituição religiosa protestante, para seus seguidores serão salvos aqueles que estiverem livre de viver em pecado. Por isso, o tratamento realizado na “Clínica de recuperação” se baseia na índole religiosa do não pecado e através dessa força motriz os argumentos dos instrutores partem desse princípio.

Michele³, 22 anos, instrutora na fazenda, responsável pela equipe da cozinha. Coordena nove residentes que ajudam no preparo da comida para os cinquenta internos e outros instrutores, que somam quase 70 pessoas. Ela ainda faz palestras e trabalhos de aconselhamento. Disse que mesmo antes de conhecer a fazenda já era admiradora do trabalho realizado. Quando foi pela primeira vez à fazenda chegou a chorar e resolveu trabalhar como voluntária, recebendo como pagamento a recuperação dos residentes.

Segundo Michele:

“A primeira vez que estive aqui foi quando inaugurou o refeitório e o auditório de palestras. Na ocasião eu chorei muito porque haviam pessoas de idade avançada com esperança de ter uma vida diferente e isso me tocou muito. Desde então passei a visitar os residentes, os instrutores, os pastores responsáveis e no início desse ano (2003) recebi um chamado de Deus para vir trabalhar aqui. É muito gratificante esse trabalho, pois quando você vê as pessoas saindo daqui e depois de alguns meses você ouve notícias que estão bem, que estão firmes né, reconstruindo suas vidas e trabalhando.”

A partir de sua narrativa podemos observar que a instrutora já participa da igreja há algum tempo e por isso, entende a filosofia religiosa e suas crenças dentro do protestantismo.

“A recuperação deles quem vai determinar são eles, o que nós fazemos é construir uma base junto com eles. A partir das escolhas que eles tomarem vão determinar o rumo da vida deles. As escolhas que eles fizerem diante das situações que aparecerem vão determinar uma permanência, uma recaída, uma reconstrução de vida.”

Percebemos que a equipe participante dos trabalhos na fazenda tem consciência do que significa aos drogadependentes o processo de

reconstrução social e as possíveis situações previstas após a estadia no estabelecimento.

Michele mostra a força da crença religiosa na fundação e concepção do trabalho da Fazenda Nova Jerusalém. No texto “História Oral como Gênero” (2001:11), o autor Alessandro Portelli diz que “A história oral é, então, ao mesmo tempo, um gênero de narrativa e um discurso histórico, e um agrupamento de gêneros, alguns compartilhados com outros tipos de discurso, alguns peculiares a ele.” Assim, podemos imaginar como os valores religiosos se materializam em regras de conduta de vida.

“Nós mudamos um pouco o projeto de recuperação antes era só sete meses e hoje tem mais seis meses de acompanhamento externo. Todos os sábados eles vão ao templo participar do grupo de convivência onde eles falam das dificuldades encontradas e isso vai sendo trabalhado através das atividades organizadas e das reuniões. A libertação total da pessoa vai depender do dia-a-dia, da luta diária com a convivência com a droga, bebida e cigarro. O nosso desejo é de que tudo isso dê certo. Pra que aconteça tem que juntar com a vontade deles de recuperação, com o desejo de sair desse mundo e ficar firme. Mas, existem muitas recaídas. Eu costumo falar pra eles né, depois que vocês passam o mata-burro da fazenda pra fora, eu não vou estar no pé de vocês. Tem pessoas que têm uma recaída, usa a droga uma vez e pára, nunca mais usa. Agora, têm pessoas que tem a recaída e permanecem. Tem outro programa que a pessoa volta, mas fica só quatro meses, é um tratamento diferenciado porque a psicóloga e a assistente social trabalham áreas diferentes de quem está passando por aqui pela primeira vez.”

Um trecho do relato de Michele importante no que se refere à questão do significado, pois a insegurança da recaída atinge até os próprios instrutores. Devido a isso, criaram alternativas para renovar o atendimento dessas pessoas que não conseguiram o resultado almejado, ou seja, a cura do vício. E tais maneiras de driblar o conflito que surge a partir da percepção religiosa, é de aumentar o tempo de permanência no centro para oferecer um tratamento diferenciado com os profissionais das áreas de Psicologia e Serviço Social.

Ivan, 38 anos, residente na Fazenda Nova Jerusalém contou que os residentes como são chamados os internos em tratamento, sempre fazem a saudação “Paz” ao cumprimentar alguém estranho ou alguém da igreja. Entre

³ Michele, 22 anos, instrutora na fazenda, Uberlândia, dez. 2003.

eles se tratam como “irmão” substantivo comumente usado para definir um membro da religião Protestante.

Como se dá essa vinda pro centro de recuperação?

I - “A gente passa por uma triagem na cidade, a gente fica ansioso, fica fechado e não pode sair, mas encara para procurar o melhor. Só na hora que a gente chega na fazenda que vê o tanto que a gente é fraco (pouca vontade), né. Aqui toda a hora a gente procura a palavra de Deus, a gente nunca fica sem fazer algo, sempre está fazendo alguma coisa.

Novamente percebemos o significado da questão religiosa. Ivan demonstra, através desse relato, a influência do evangelismo em seu discurso ao recorrer à leitura da Bíblia ou da oração para ajudá-lo nos momentos de angústia devido à abstinência, e do trabalho. Além disso, da dificuldade em se sentir recuperado ao se deparar com o ambiente urbano, o qual tinha o livre-arbítrio para fazer o que quisesse. É como exemplifica outro trecho de seu relato:

“Eu acho que quando vencer os sete meses a gente fala: -Ah! Não vou voltar a mexer com droga, é difícil eu falar que não mexer mais, nunca mais vou beber. A hora que chegar lá fora já vem o cigarro, a bebida, a droga então eu quero é mesmo procurar uma igreja, pegar a palavra de Deus mesmo porque sem ela eu nunca vou conseguir vencer. Se eu freqüentar os lugares que ia eu vou cair novamente.”

Carlos⁴, 32 anos, estudante de Geografia (Universidade de São Paulo), também residente da Fazenda Nova Jerusalém e contou que existiam coisas em sua personalidade que não estavam resolvidas, haviam problemas e traumas que levaram a uma carência que procurou suprir com o uso de drogas. Conseguiu apoio de muitas pessoas para ser inserido dentro desse determinado meio e, como ele mesmo disse, potencializar de alguma forma relacionamentos.

Você já está aqui há quanto tempo?

C – “No final do mês eu estarei fazendo nove meses.”

Por que você está mais tempo que os outros?

⁴ Carlos, 32 anos, residente na Fazenda Nova Jerusalém, Uberlândia, dez. 2003.

C – “Pedi dois meses a mais pela coisa como eu conduzi, eu estava muito fechado no começo e me senti muito nu e quando você começou a ver as coisas acontecerem na vida de algumas pessoas, você sente que tem algumas áreas na sua vida que não quer tratar e tem que resolver. Faltando dois meses pra mim ser liberado eu já estava me sentindo meio pelado, mas eu tive que me abrir ainda mais (...) regras de inserção à sociedade que não quer um comportamento de você de um ex-viciado e elas são meio ambíguas, ambivalentes e hipócritas porque existem pessoas que precisam desesperadamente vir para uma casa de recuperação. E o que é reinserção? É não ter um comportamento agressivo, não infringir a lei e não ter o linguajar do viciado.

César, 23 anos, natural de São Carlos (SP), ex-interno da fazenda conta seu início com as drogas foi devido à solidão porque sua mãe se ausentava para trabalhar.

“Comecei a fumar cigarro aos nove anos com os meninos da rua, depois passei a usar cola de sapateiro, benzina, clorofórmio, álcool, bebia demais. Com 12 anos já chapei maconha, daí pro crack e cocaína foi um abraço ! Só caí na real quando fui preso com 50 gramas de maconha, porque eu tinha que traficar pra manter o vício, só que ainda era menor e fui enquadrado no 16 (artigo do Código Penal), posse para uso de substância entorpecente”.⁵

Isso mostra como o ambiente familiar em que há convivência com um drogadependente se torna tenso devido ao nervosismo, preocupação, medo, insegurança, advindos do comportamento do dependente. Essa falta de percepção sobre a doença do viciado e o sofrimento ocasionado já define a doença do familiar. Por sua necessidade de manter sempre a droga por perto, o dependente constrói, em sua doença, defesas inconscientes e conscientes para manter sua doença.

Por que você resolveu buscar o tratamento?

César – “Já tinha sido internado uma duas vezes em outros centros lá em São Paulo, só que eu fugi dos dois. Aí tive uns problemas na rua e estava ameaçado e a minha mãe ficou desesperada. A patroa dela conhecia o pastor daqui, então resolvi vir pra cá e estou aqui desde 1996, mas tive que ficar internado oito meses. Você fica rejeitado pra tudo. Em casa ninguém confia em você pra nada nem para conversar. É difícil ver sua mãe escondendo dinheiro de você ou seu irmão trancando o quarto quando saía pra rua. Na escola nem vai né. Não adianta. Só ia pra vender drogas.

⁵ César, 23 anos, ex-residente na Fazenda Nova Jerusalém, Uberlândia, dez. 2003.

Existe ainda um outro aspecto que nos chamou a atenção sobre as visões ou o chamado de Deus. Esses relatos estão nas falas de Ivan, Michele e da pastora Dalva, que seria a primeira e responsável pelo início das obras da fazenda. Ouvir o relato de um residente que é um dependente químico em tratamento e dar crédito numa visão que ele teve é diferente de um relato de alguém que não teve envolvimento com drogas.

Ele cita que essa visão pode atingir a todos e passar a conduzir sua vida naquela direção, a partir daquela perspectiva e da legitimação ao apego à palavra de Deus. E isto nos parece bastante concreto, pelo menos quando observamos a estrutura que apóia o empreendimento. Além da parte física e pessoal da fazenda e do templo da cidade, o projeto parece transcender uma conclusão precipitada parece ir além de um mecanismo de tratamento que conduz talvez a uma teoria antiga que foi citada por um entrevistado, em que existe o certo e o errado mas, que pode ter algo ligado nessa mistura do sagrado e do profano, da luta do bem contra o mal, da religião, do espírito contra o vício e que a cura vem das pessoas para preencher o vazio tão falado nos relatos.

Dessa forma, a religião protestante, como muitas outras, fomenta no indivíduo a responsabilidade por uma mudança moral a que ele chama de evolução moral ou “salvação da alma”. Na verdade, socialmente isso nos remete ao controle de igrejas cristãs, como por exemplo, a Igreja Católica na Idade Média quando impunha na vida social, econômica e política das pessoas, porém hoje e nessa pesquisa uma conduta cristã promove o direcionamento e inserção do indivíduo na sociedade.

Na fazenda existem dois grupos. Um é o que está na segunda fase e já estão há dois ou três meses antes do iniciante e o outro é a primeira fase, é quem está chegando. Ambos os grupos vivem essa rotina.

“A rotina é a seguinte (primeira fase):

06h30 – acordar

07h00 – culto

08h00 – café da manhã

08h20 – estudo bíblico

09h30 – trabalho

10h50 – banho

11h30 – copiar regulamento da cozinha

12h20 – almoço

13h00 às 15h45 – terapia ocupacional (trabalho)

15h50 – esportes e lazer

17h30 – banho

18h00 – tempo para reflexão

19h30 – culto (oração pela família, pelo emprego e para a recuperação de Uberlândia)

20h30 – jantar

21h30 – copiar oração

22h00 – preparar para dormir e apagar as luzes

Aos domingos (primeira fase):

07h00 – acordar

07h30 – culto

08h45 – café da manhã

09h20 às 09h45 – estudo bíblico e escrever carta

09h50 às 10h45 – terapia ocupacional

10h50 às 11h30 – copiar regulamento

12h00 – almoço

13h00 às 16h50 – natação, outras modalidades esportivas e lazer

17h00 – banho

17h30 às 18h30 – reflexão a sós com Deus

18h30 às 19h30 – culto

19h40 – jantar — Após o jantar tem um tempo para bate-papo entre todas as pessoas - internos, funcionários e obreiros (pessoas que se dedicam para a recuperação dos internos)

22h00 – preparar para dormir e apagar as luzes

Uma vez por semana vamos à lavanderia levar roupas para lavar. A lavanderia é cuidada pelos próprios internos.”⁶

Percebe-se que a Fazendinha tenta através de atividades físicas e intelectuais (reuniões e debates apoiados na religião) simular as atividades e valores esperados dos “homens bons”, que tornam-se honestos e honrados (não pela riqueza) mas pelo temor a Deus e dedicação ao trabalho.

“Tudo o que é produzido na Fazendinha é revertido para o consumo dos internos. É fruto do nosso trabalho, tudo é aproveitado e reaproveitado ao máximo”.

Na instituição reproduz necessidades da sociedade, que encaixam-se no esperado das relações de mercado. Assim modos de agir, falar e até pensar como o senso comum social são impostos nessa instituição, assim como são impostos nas escolas, nas igrejas. A obediência a uma autoridade, o cumprimento das leis, as necessidades de aprender uma profissão, de ser uma pessoa economicamente ativa e produtiva tem haver com a possível preocupação com o indivíduo que consome, que paga impostos, alguém que não seja um peso para o Estado e para a sociedade e não questione as práticas sociais, políticas e econômicas de exploração.

⁶ César, 23 anos, ex-residente na Fazenda Nova Jerusalém, Uberlândia, dez. 2003.

É preciso que esse corpo (ser social) possa ser adaptado e formatado da melhor forma possível para atender às necessidades da sociedade. Mas esse individual (o trabalho com o introspectivo da pessoa) só faz sentindo nesses valores sociais compartilhados, ligada ao consumo e capitalismo, ligada à exploração de mercado financeiro de pagar impostos, taxas, como também à família (ou ao que esperam delas), às condutas esperadas nas ruas, avenidas, nas reuniões da igreja, nas filas dos cinemas, etc.

O que faz com que alguns internos não consigam ficar longe das drogas e têm a chamada “recaída”?

Ce – “Quando alguém é usuário de droga alguma coisa provocou isso. Então pode ser que naquela família só o cara use drogas, mas todos estão doentes com isso, se a família também não for curada não adianta. Se o cara sair da recuperação e na casa dele tiver festas com bebida e cigarro, daí pra voltar a usar droga de novo é um pulo. Mais ou menos uns 60% dos internos conseguem recuperar realmente e os outros 40% voltam a usar droga. Por isso, que os obreiros e o pastor fazem um trabalho com a família também. O ideal é que se fizesse um trabalho com todos, os amigos, parentes, todo mundo, só que isso é muito difícil (...) regras de inserção à sociedade que não quer um comportamento de você, de um ex-viciado, e elas são meio ambíguas, ambivalentes e hipócritas porque existem pessoas que precisam desesperadamente vir para uma casa de recuperação.”

Nesse relato Carlos, discute (como os outros internos) a questão das influências da mídia que pede o consumo de certas coisas, exige o modismo comportamental e quando vê o produto dessa manipulação falido, ainda, cede às tendências preconceituosas, como a exclusão de ex-dependentes ao meio social como, não dá emprego, exclui de acontecimentos sociais organizados até por membros da família, entre outros.

Carlos pediu mais tempo de tratamento, pois como ele mesmo disse, precisava resolver esses conflitos internos que ainda não haviam sido solucionados. E talvez isso fizesse a diferença entre a recuperação efetiva e uma recaída. Pensamos que isso exemplifique o relato da instrutora Michele, quando ela fala que muitas pessoas não acham que são viciadas e que podem dominar o vício. A atitude de compreender a necessidade de ajuda para se reintegrar às normas e às rotinas esperadas, é demorada.

CAPÍTULO II

ASPECTOS SOCIAIS DO CONSUMO E DOS MODOS DE TRATAMENTOS

Poucos de nós aceitamos facilmente a idéia de sermos doentes. Ainda temos preconceitos quanto ao termo "doente", a ponto de ser uma ofensa dizer "Você é doente!". Todos queremos ser saudáveis, principalmente do ponto de vista emocional: não queremos ser "complicados", "neuróticos", "nervosos", "problemáticos"...não reconhecer a própria limitação emocional é a doença emocional mais grave.⁷

No capítulo anterior discutimos como a religião e o trabalho estão presentes nas concepções e valores necessário à criação (ou reinserção) do “homem bom”. Nessa seção apresentaremos concepções socialmente formuladas sobre os dependentes químicos e debates entorno do consumo de drogas entre adolescentes.

Muitos daqueles que estavam internados no período da pesquisa começaram a consumir drogas com pouca idade, como no relato de César que diz: *“Comecei a fumar cigarro aos nove anos com os meninos da rua, depois passei a usar cola de sapateiro, benzina, clorofórmio, álcool, bebia demais. Com 12 anos já chapei maconha, daí pro crack e cocaína foi um abraço!”*.

O autor de “Dependência Química e Transtornos da Personalidade”, o psiquiatra G. J. Ballone (2001), comenta que os problemas relacionados ao consumo de substâncias podem aparecer desde a primeira experiência. É por isso que um acidente de carro ou uma overdose são sempre possíveis quando se utiliza uma droga. Mas apesar disso, a maioria das pessoas evolui para um

⁷ BALLONE, G. J. *Dependência Química e Transtornos da Personalidade*. In: PsiqWeb Psiquiatria Geral, 2001.

consumo de baixo risco (por exemplo, o uso social de álcool), ou mesmo abandonam o consumo. De acordo com ele, uma parte menor passará a apresentar problemas com mais frequência e poderão até chegar à dependência.

Como dissemos o consumo de drogas começa normalmente na adolescência. Os usuários de álcool levam vários anos para chegar a dependência. Por isso, esses indivíduos procuram tratamento por volta dos trinta anos.

*Os usuários de cocaína também podem esperar anos até a chegada ao tratamento. Já os usuários de opiáceos e crack, rapidamente se tornam dependentes e procuram ajuda em menos tempo. Dessa forma, serviços especializados no tratamento da dependência de álcool tendem a atender um perfil de indivíduos mais velhos. Já aqueles que tratam usuários de cocaína, crack e opiáceos, trabalham com indivíduos mais novos.*⁸

As causas encontradas pelos estudos do Relatório do 1º Fórum Nacional Antidrogas (1999) que acompanharam usuários por vários anos:

- *Aparecimento de complicações clínicas ligadas ao consumo de drogas.*
- *Após experimentar complicações agudas ('porre', overdose)*
- *Preocupação com os danos futuros que o consumo poderia causar e/ou por razões econômicas ou problemas financeiros.. Como num dos trechos do relato de Carlos: "...estava gastando muito dinheiro com as drogas..."*⁹
- *Reações sociais ao consumo (por exemplo, demissão do trabalho). Como diz Carlos em seu depoimento: "...não estava rendendo no meu trabalho..."*¹⁰

⁸ BALLONE, G. J. *Dependência Química e Transtornos da Personalidade*. In: PsiquWeb Psiquiatria Geral, 2001.

⁹ Carlos, 32 anos, nascido em São Paulo, residente na Fazenda Nova Jerusalém, entrevista feita em Uberlândia, dez. 2003.

¹⁰ Carlos, 32 anos, nascido em São Paulo, residente na Fazenda Nova Jerusalém, entrevista feita em Uberlândia, dez. 2003.

- *Piora do relacionamento familiar, em especial do casamento. Como diz Ivan em um de seus relatos: "...até que um dia eles dizem que não vão dar mais nenhuma chance..."*¹¹

- *Envolvimento do usuário com a religião. Como diz Carlos: "Eu acho que a sociedade precisava acreditar mais na vontade de Deus."*¹²

- *Por pressão de pessoas que o usuário gosta muito (familiares, amigos). Como mostra um dos trechos do relato de César: "É difícil ver sua mãe escondendo dinheiro de você ou seu irmão trancando o quarto quando saía pra rua."*¹³

- *Desejo de se aproximar de pessoas que não usam (amigos, paquera). Como narra Ivan: "O meu pai sempre ficava perto de mim, pra que eu não mexesse com a droga."*¹⁴

- *Necessidade de mostrar para si um autocontrole sobre o consumo. Como conta Ivan em um de seus relatos: "...eu resolvi para de mexer porque vi que não dava conta de me controlar..."*¹⁵

- *Para dar exemplo a outros (filhos, irmãos mais novos). Como exemplifica o depoimento de Ivan: "Agora minha filha não vai entender a minha ausência fora de casa, mas se eu continuar ela vai ficar muito decepcionada com o pai."*¹⁶

- *O lado negativo da vida nas ruas (violência, mendicância).*

- *A sensação de não agüentar mais conviver com as crises de fissura.*

¹¹ Ivan, 38 anos, nascido em Tupaciguara, residente na Fazenda Nova Jerusalém, entrevista feita em Uberlândia, dez. 2003.

¹² Carlos, 32 anos, nascido em São Paulo, residente na Fazenda Nova Jerusalém, entrevista feita em Uberlândia, dez. 2003.

¹³ César, 23 anos, nascido em São Paulo, ex-interno da fazenda, entrevista feita em Uberlândia, dez. 2003.

¹⁴ Ivan, 38 anos, nascido em Tupaciguara, residente na Fazenda Nova Jerusalém, entrevista feita em Uberlândia, dez. 2003.

¹⁵ Ivan, 38 anos, nascido em Tupaciguara, residente na Fazenda Nova Jerusalém, entrevista feita em Uberlândia, dez. 2003.

¹⁶ Ivan, 38 anos, nascido em Tupaciguara, residente na Fazenda Nova Jerusalém, entrevista feita em Uberlândia, dez. 2003.

- Mudanças no estilo de vida e o surgimento de novas situações um novo namoro, emprego, oportunidade social) que são incompatíveis com o consumo de drogas. Como no depoimento de Ivan: "Larguei a droga, me casei".¹⁷

Quando tentamos relacionar o abuso de substâncias ou dependência química com Transtornos de Personalidade, predominantemente estamos pensando no adolescente, no jovem e/ou no adulto jovem. Para isso precisamos pensar como modos de vida urbano se configuram, como as relações sociais se constituem, e as vontades e ações tornam-se culturalmente organizadas na sociedade.

Neste trabalho o termo dependência foi aplicado ao uso de substâncias, mas também poderia ser descrito em relação ao jogo, televisão, sexo, alimentação, compras etc. São atividades que podem apresentar-se, em alguns casos, como necessidades sociais de auto reconhecimento, ou diferenciação, de formação de grupos e relações que desafiam o estabelecido ou o esperado.

Muitas discussões sobre drogas inevitavelmente desembocam na questão sobre a dúvida se uma droga em particular causa ou não dependência, e se essa dependência é física ou psicológica. Outras passam pela discussão do tráfico, pobreza e violência.

Dia-a-dia a ciência vem nos mostrando que o abuso de drogas e a adicção são também problemas de saúde. Uma importante barreira à compreensão da drogadicção sob um modelo médico e de saúde é o tremendo estigma associado ao usuário de drogas ou ao drogadicto. Quando a opinião pública é mais benevolente sobre um adicto em drogas, considera-o vítima da sua situação social. Quando não benevolente, a sociedade clama por punições contundentes ao "drogado".

A visão mais comum sobre os drogadictos é que são pessoas fracas e más, que não querem levar uma vida norteadas por princípios morais nem controlar seu comportamento e a satisfação de seus desejos. Há muitas

¹⁷ Ivan, 38 anos, nascido em Tupaciguara, residente na Fazenda Nova Jerusalém, entrevista feita em Uberlândia, dez. 2003.

peessoas que acham que pessoas adictas não merecem nem receber tratamento ou, o que é pior ainda, algumas pessoas consideram aquelas que trabalham na prevenção do abuso de drogas, como também portadoras de ideologias diferentes do público geral, portanto, passando a ser igualmente problemáticas e indesejáveis.

A divergência entre a maneira de ver o usuário de drogas como uma "pessoa má" e de vê-lo como um "portador de doença crônica" é fruto de relações culturais que são constituídas e diluídas na dinâmica social, nos processos históricos vivificados.

A importância dos enredos sociais no desenvolvimento da drogadicção pode ser exemplificada pelos drogadictos em heroína que adquiriram o vício na guerra do Vietnã. Depois da guerra e de volta aos seus lares, o tratamento dessas pessoas foi muito mais fácil e com muito mais êxito que o tratamento de drogadictos por heroína que adquiriram o vício nas ruas e longe da guerra.

Existem muitos fatores envolvidos no desenvolvimento de dependência, como por exemplo, a disponibilidade da droga, a via de administração, o componente genético da pessoa, histórico pessoal de outras dependências, e estresse e eventos traumáticos de vida, enfim, podemos dizer que para a transição do simples uso de drogas à drogadicção muitos fatores atuam combinadamente.

No entanto, a pesquisa com as fontes orais demonstrou que as motivações são múltiplas, como narra César num de seus relatos: *"... ficava sozinho em casa porque minha mãe se ausentava para trabalhar e me sentia solitário..."*

Porém o tratamento desses sujeitos revela aspectos de uma conduta esperada, que todos nós (que vivemos nessa sociedade, nesse período histórico) estamos sujeitos. Os aspectos religiosos e de ética de trabalho, enquanto processo de (re)socialização, nos fazem "sentir"¹⁸ as relações e modos de condutas que nos fazem funcionar enquanto sociedade.

¹⁸ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. RJ: Zahar, 1987, p. 108.

Entender esses quadrantes e articulações da cultura implica em aproximar dos modos que o poder se transmuda em conduta aceita e esperada, e por fim constitui-se em hegemonia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Obviamente, a pesquisa apenas desconfia do senso comum e não é suficientemente completa para propor um balanço ou para organizar as congruências e apresentar distanciamentos, que porventura a dissonâncias que as condutas sociais apresentam.

No entanto, o texto teve a intenção, de imaginar algumas possibilidades de avanço, que mostram-se possíveis a partir do acúmulo de discussões que se configuraram durante o curso de graduação.

A motivação, para tentar progredir no campo das discussões sobre hegemonia e condutas sociais, advém da necessidade que temos em superar os quadrantes das relações de trabalho e moradia na cidade, e alcançar outras dimensões do viver, que envolvem elaborações e significados atribuídos, pelos sujeitos, às dinâmicas de dominação, de opressão econômica, de privação ao consumo, de quebras de relações estabelecidas, e de reelaboração consciente dos processos políticos e das transformações históricas que estiveram/estão inseridos.

Não deve restar dúvida que a distinção entre fontes seja crucial para a historiografia, no entanto, o que se configura como uma relação de diálogo entre os pesquisadores e as evidências¹⁹, não parte de um debate inerentemente “técnico”, de relação com a constituição de textos acadêmicos, mas prioritariamente, trava-se em um campo de disputa política entre o historiador e as problemáticas colocadas nos campos da pesquisa.

Creio que o termo chave da discussão acima, *as problemáticas*, seja o que possa causar um possível impulso nos debates sobre o que fora acima elencado. Pois, sabemos que os problemas em nossos trabalhos são “resolvidos” por intermédio de questões, que por sua vez devem ser

¹⁹ Há décadas para apontar uma vertente nessas pesquisas, configuram-se em trabalhos como os de Thompson (PERKS, Robert & THOMSON, Alistair. *The Oral History Reader*, London, USA, Canada: Routledge, 1998), Hobsbawm (HOBBSAWM, Eric J. *Sobre História*. SP: Cia das Letras, 1998), Raymond Willians (WILLIANS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Zahar: RJ, 1987) e mais recentemente Portelli (PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. Trad. Maria T. J. Ribeiro. SP, CEDIC-PUC/SP, mimeo, 1995).

configuradas em conjunto com os sujeitos, ou a partir daquilo que permaneceu registrado enquanto vivências e experiências.

Entretanto, acredito ser possível que possamos rever, em algumas fontes citadas nessas pesquisas, o que tomamos de maneira mais geral em nossas expectativas, ou seja, modos de vida enquanto cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EDELSON, E. *Tudo sobre drogas – efeitos no cérebro*. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

HOBBSBAWM, Eric J. *Sobre História*. SP: Cia das Letras, 1998.

KLASSEN, Curtis D. *Princípios de Toxicologia*. In: Academia de Polícia Civil. Centro de Recursos Humanos. Toxicologia. Belo Horizonte, 1998.

MILBY, J. B. *A dependência de drogas e seu tratamento*. São Paulo: Ed. da USP, 1988.

MILITINO, Inamar A. *Centro de Integração Social e Assistencial de Uberlândia (CISAU): Ocultar ou Integrar?* Uberlândia: UFU, 1999.

MORAIS. S. P. *Tempo, Trajetórias de vida e Trabalho de carroceiros na Cidade (Uberlândia 1970/1998)*. Mimeo. Texto Procad. Uberlândia/MG, 2003.

PERKS, Robert & THOMSON, Alistair. *The Oral History Reader*, London, USA, Canada: Routledge, 1998.

PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. Trad. Maria T. J. Ribeiro. SP, (

_____. "A filosofia e os fatos, narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais". In TEMPO, Revista do Departamento de História da UFF, n. 2, dez. 1996.

_____. "Sonhos Ucrônicos, memórias e possíveis mundos dos trabalhadores". In Projeto-História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo: EDUC, n. 10, dez/1993.

SANCHEZ, A. M. T. *O indivíduo, a família e sociedade*. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. RJ: Zahar, 1987.

FONTES

BALLONE, G. J. “Dependência Química e Transtornos da Personalidade.” In: PsiqWeb Psiquiatria Geral, 2001. Disponível em:

<http://sites.uol.com.br/gballone/psicossomatica/drogas4.html> > Acesso em 30. nov. 2003.

_____. “Drogas e Drogados.” In: PsiqWeb Psiquiatria Geral, 2001. Disponível: <http://sites.uol.com.br/gballone/psicossomatica/drogas.html> >. Acesso em 24. nov. 2003.

Entrevista com Alessandro Portelli para a Revista História e Perspectivas, Uberlândia, jul/dez 2001.

Relatório do 1º Fórum Nacional Antidrogas. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 1999.

ENTREVISTAS

Carlos, 32 anos, nascido em São Paulo, não tem pai e mãe, tem mais cinco irmãos, residente na Fazenda Nova Jerusalém, entrevista feita em Uberlândia, dez. 2003.

César, 23 anos, nascido em São Paulo, não tem pai e tem mãe e mais quatro irmãos, ex-interno da fazenda, entrevista feita em Uberlândia, dez. 2003.

Ivan, 38 anos, nascido em Tupaciguara, tem pai e mãe e mais quatro irmãos, residente na Fazenda Nova Jerusalém, entrevista feita em Uberlândia, dez. 2003.

Michele, 22 anos, nascida em Uberlândia, tem pai e mãe e mais dois irmãos, instrutora na fazenda, entrevista feita em Uberlândia, dez. 2003.